

Pinçamentos

Ideias apanhadas com pinça e pensadas, reproduziram-se. Blog "irmão" de Mente Irá.

0

DOMINGO, 21 DE JULHO DE 2013

A dança "SIM-NÃO" no caminho do educar



(ver blog "Palmada e Pedagogia "emmerdeur")

Quem é educado "não-directivamente" com negativas, para não existirem "repressões" por SIM's, aprende a viver com **anti-objectivos**, do tipo - "Não te esqueças", - "Não faças maldades", ou a viver com **abandonos** através de **não's disfarçados**: - "Tu é que sabes", - "Depois queixas-te", - "Vens pra cá chorar".

Como resultado, no meio de toda a confusão criada, o seu problema é não conseguir definir objectivos PRÓ. Mas algo lhe fica claro, tem sempre que saber do que foge, não precisa saber do que se aproxima.

Quem é educado "directivamente" com afirmativas, para não existirem "baldas" com NÃO's, aprende a viver com objectivos bem definidos, do tipo - "Faz isto", - "Faz aquilo", - "Faz aqueloutro", ou preso em "**sim's injectando não's**": - "Pergunta sempre", - "Só fazes se eu autorizar".

Como resultado, o seu problema é não conseguir decidir objectivos PRÓ, nem objectivos ANTI. Mas algo lhe fica claro, só pode ter objectivos fornecidos e só lhe é permitida uma pergunta - "O que me dizem para fazer..!?". Só assim a sua assertividade aparece, é aplicada e é grande.

A outra pergunta possível - "O que me dizem para não fazer?", que permitiria definir objectivos próprios, está-lhe vedada. Em consequência a sua assertividade, não é nula, é negativa pois só a hipótese de sair das baias permitidas lhe dá "**angústias bloqueantes**", do tipo - "Não sei", - "Não consigo", - "Não sou capaz".

Exames onde tem que decidir sozinho são um calvário, mas depois cá fora sabe tudo.

(PS- Em adultos, a mulher escolhe-lhe as gravatas ou o marido escolhe-lhe os penteados.)



A dança do SIM-NÃO



O fundamental é a dança com harmonia do SIM e do NÃO.

Juntar a operacionalidade do SIM com a flexibilidade do NÃO.

Segundo René Spitz, o NÃO aparece cedo. Ainda recém nascido, quando ao mamar no seio da mãe este lhe foge para o rosto, o bebé instintivamente procura-o com movimentos laterais esquerda-direita, semelhante ao abanar da cabeça para sinalizar NÃO.

Simplesmente, este sentir "NÃO tenho seio", não é um bloqueio à acção, mas sim, um **impulsor de acção**, exigindo descoberta, pesquisa, solução. Nesta perspectiva, o NÃO não é um bloqueador de liberdade, pelo contrário, é um instrumento para a sua aplicação.

Quando um jornalista perguntou a Edison, aquando do invento da lâmpada, se não se sentia frustrado com centenas de experiências de NÃO êxito, ele respondeu que eram vários SIM'S de êxitos em saber caminhos a evitar.

(Transcrição pessoal e livre do diálogo havido).

Em síntese, este é o "NÃO" das inventores, não é o "NÃO" dos autoritários e ditadores; é o "NÃO" do Princípio da Realidade do Freud, não é o "NÃO" das Moralidades dos Inquisidores; é o "NÃO" que abre caminhos, não é o "NÃO" que fecha em muralhas.

Numa palavra, é o "NÃO" da Pedagogia.

O "SIM" tem outras particularidades.

Na análise nunca descobrimos um "NÃO" no inconsciente.

Freud (1925) Citado por René Spitz

Segundo R.Spitz, o inconsciente é incapaz de negar. O "NÃO" precisa da existência à priori de um "SIM", mas paradoxalmente este também precisa daquele.

Quando uma cão abocanha a mão do dono e não morde, isso é um "SIM" ou um "Não"?

É um [- "NÃO" MORDO] não verbal porque está dizendo [- "SIM" POSSO MORDER mas não o faço!] também não verbal.

Quando o marido, a tudo que a mulher veste e lhe pergunta como fica, responde sempre que - "Sim, fica-te bem!" ou aprendeu à pancada a concordar ou "está-se nas tintas" para ela e para o que veste. Um "SIM" só tem significado quando também há "NÃO's".

(PS- Se ela ainda continuar a perguntar, convém procurar tratamento.)

Segundo R. Spitz o "SIM" faz parte da programação genética da "sucção" de mamar, não só nos humanos

como nos próprios animais. Quando sugam o mamilo a cabeça vai em frente, quando engolem o leite a cabeça recua e tudo se repete. Esta forma não verbal de dizer "SIM" (frente-trás) ao estilo japonês aproxima-se mais da programação inata do que a forma ocidental com o modelo "cima-baixo".

De qualquer modo, parece que o "SIM" genético está mais relacionado com "incorporação" do que com "aceitação". Ou seja, dizer "SIM" é mais "compreender" do que "cumprir".

Nesta ordem de ideias, para surgir um "SIM" tem que ser por **explicar** e não por **mandar**, ele deve ser cumplicidade e não seguidismo.

Numa palavra, este é o "SIM" da Pedagogia,

ou seja, é quando possibilita o "Ahh!... AAh!..." de quem aprende, objectivo essencial de quem ensina.

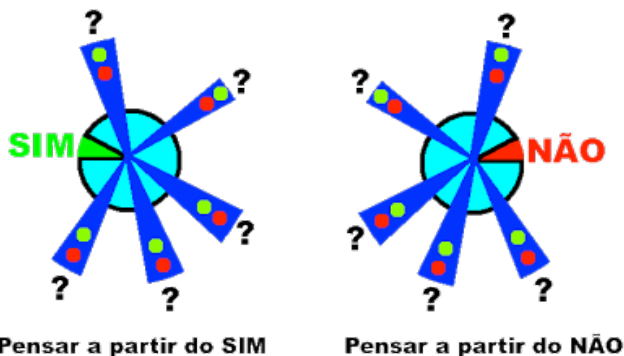
Tipos de dança

Como em qualquer dança, cada um coage o outro e ao mesmo tempo adapta-se a ele, é uma harmonia constante de coacção e co-acção. Assim também é a vida entre o "SIM" e o "NÃO".

Quer o "SIM" quer o "NÃO", em si próprios, não são prisão mas sim impulsor de partida para o desconhecido. Simplesmente partem de sítios diferentes.

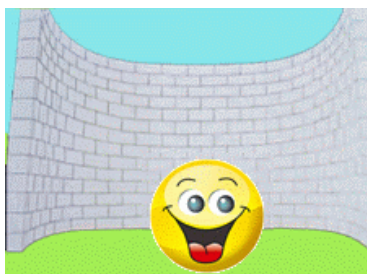
O "SIM" parte da segurança no usar para procurar outros "SIM's e NÃO's".

O "NÃO" parte da segurança no evitar para a pesquisa de outros "NÃO's e SIM's".



Os "SIM's e os NÃO's" são apenas a porta de entrada no **conhecimento desconhecido**. Este é o caminho da aventura do aprender.

Normalmente, o uso que se dá aos "SIM's e aos NÃO's" são muralhas bloqueantes que encerram quem aprende nos "dogmas" em vigor, fechando-lhe o horizonte.



Tudo depende do processo em que o SIM e/ou o NÃO são inseridos.

Quer um quer outro devem ser baseados na explicação e não na imposição. A partir da explicação o horizonte abre-se para pesquisa e desafio, a partir da imposição as muralhas crescem para prisão e abandono (ou revolta).

Algumas técnicas

Duplo vínculo

O pai está a ver TV e o João (3 anos) vai à cozinha beber água. Ruído de um copo a partir.

1ª hipótese

Pai:

- "João, partiste um copo?".

Independente da comunicação não verbal, mais ou menos directiva, a frase é de **vínculo único**:

- Juiz (pai) - Réu (João).

2ª hipótese

Pai:

- "João, penso que partiste um copo?".

Independente da comunicação não verbal, mais ou menos directiva, a frase é de **duplo vínculo**:

1º- Juiz (pai) - Réu (João) acerca do partir o copo.

2º- Juiz (João) - Réu (pai) acerca do pensar do pai.

Dependendo da educação já existente, o João tem várias respostas possíveis:

A - "*Parti.*" (eu) ou "*Partiu-se.*" (indeterminado), tendo optado pelo o 1º vínculo, isto é, a posição de réu;

B - "*Tens razão.*", optando pelo 2º vínculo, ou seja, a posição de juiz;

C - "*Tens razão, parti (ou partiu-se).*", jogando com os dois vínculos.

A escolha não é aleatória, depende da relação interpessoal que entretanto já foi construída.

Não é só um fenómeno da relação pai/mãe-filho, é também de professor-aluno, colegas, marido-mulher, onde por vezes a relação é apenas um trocar de posições no vínculo juiz-réu, no jogo do "ora tu, ora eu".

Vínculos contaminantes

A Maria (11 anos) recebeu 38 cartões com pequenas frases soltas e independentes, com o objectivo de encontrar a solução onde todas seriam verdade.

No início foram feitas 5 sugestões orais de trabalho mental e entregue lápis e papel, mas podendo fazer como quisesse.

Faria sozinha, poderia fazer perguntas a que eu poderia responder ou não. Pedi-lhe autorização para lhe perguntar o que estava pensando, apenas para eu perceber, mas que ela podia responder ou não.

Aceitou as regras e começou um trabalho mental concentrado e esforçado, ao mesmo tempo que ia conversando.

Ao fim de 1,5 horas, tinha agrupado alguns cartões e tirado conclusões de 10 outros.

Propuz-lhe continuar na próxima vez, aceitou e, para poder reconstituir, fotografei tudo, guardei apontamentos e rascunhos.

De repente, muito séria, ela disse:

- "*Vai ser uma grande confusão.*"

Sorri, e respondi: - "Pois vai !".

Ficou séria, olhou para mim e fiquei à espera. Depois, sorriu também. A dificuldade tinha sido transformada em desafio.

Na próxima sessão encontrou a solução e quando lhe perguntei como se sentia, respondeu: - "Foi fácil."

A confirmação da sua conclusão (*futura confusão*) como válida e a confirmação da acção futura com a sua prévia autorização contaminaram-se num "Sou capaz", saído da posição de "pessoa" e não de "gatinha" ("person" e não "people") em que se sentiu estar.

Na humilhação de pedagogias directivas a contaminação faz-se destruindo a força para desafios:



com base em The Wall, Pink Floyd

Publicada por **Nelson Trindade** à(s) **16:30**